

**GRAU: FLEXÃO OU DERIVAÇÃO?
ANÁLISE E ABORDAGEM
NA VISÃO DAS GRAMÁTICAS TRADICIONAIS E DOS LIN-
GUISTAS**

Karen Fernanda Pinto de Lima (UFAC)

karen.ifac@hotmail.com

Márcia Aparecida Alberto Magalhães (UFAC)

marciaalbertom9@gmail.com

Alexandre Melo de Sousa (UFAC)

alexlinguista@gmail.com

RESUMO

Muitos são os questionamentos acerca de estabelecer a distinção entre flexão e derivação, no âmbito do grau, devido às divergências entre a visão das gramáticas tradicionais e dos linguistas. Neste artigo, a finalidade é investigar a problemática na visão de alguns autores. Para fundamentar a pesquisa será feito um estudo de como o assunto é abordado pelos livros didáticos e qual o posicionamento dos autores Mattoso Câmara Jr. (1970), Rosa (1983), Sandman (1998), Loures (2000), Cipro Neto & Infante (2008), Cunha & Cintra (2008), Terra & Nicola (2008), Gonçalves (2013). O artigo está organizado em cinco partes: Introdução; Seção 2, que relata a abordagem do grau na visão dos gramáticos e em algumas gramáticas; Seção 3, que demonstra a posição de linguistas e pesquisadores da área sobre a Categorização dos afixos de grau; Seção 4, que apresenta um comparativo de como o assunto Flexão e derivação é abordado pelo livro didático; Seção 5, que traz uma proposta de ensino de acordo com o que propõe a análise linguística.

Palavras-chave: Análise linguística. Flexão. Derivação. Ensino.

1. Introdução

Ao refletir sobre o ensino de língua portuguesa nas escolas, iterações vezes profissionais da área apontam dificuldades na forma de apresentação dos conteúdos gramaticais, desde como estes são tratados pela gramática tradicional, quanto à forma que são apresentados pelos livros didáticos. A ânsia em busca de novas formas para melhor utilizar e aplicar esses conhecimentos linguísticos na prática em sala de aula é constante pelas pessoas que almejam melhorias para o ensino da língua portuguesa nas escolas.

Diante dessas expectativas, neste artigo discutiremos acerca de um dos temas polêmicos relacionados ao ensino do léxico: O grau deve ser considerado flexão ou derivação? Procuramos embasar o estudo,

apresentando-o, tanto a visão dos linguistas quanto dos gramáticos, para melhor compreensão do assunto. Também expomos uma proposta de atividade direcionada a estudantes do ensino fundamental, considerando as teorias da análise linguística.

2. O grau: flexão x derivação nas gramáticas tradicionais

Ainda existe uma grande confusão no que diz respeito à categorização dos afixos de grau nas gramáticas tradicionais, influenciadas pela Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB) no que, resumidamente, se limitam na diferenciação formada pelos dois processos – o sintético e o analítico. Raramente encontramos gramáticas que tratam o processo de flexão e derivação, demonstrando suas semelhanças e diferenças.

Na visão tradicional da *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, de Celso Cunha e Lindley Cintra (2008), percebemos que os autores sofrem influências da NGB e tratam da flexão dos substantivos salientando três graus: normal, aumentativo e diminutivo. Em relação à flexão de grau do adjetivo é abordada da mesma forma que empregam em relação ao substantivo. Também observam que nem sempre o aumentativo está relacionado ao aumento de tamanho e o diminutivo a redução do tamanho do ser ou objeto descrito. Sendo, que em alguns casos, podem significar depreciação, afeto e expressão de outros tipos de sentimentos.

Na *Gramática de Hoje*, de Ernani Terra e José de Nicola (2008) verificamos também uma visão tradicional, seguindo a NGB. Os autores resumem o conceito de substantivo “Visto que o substantivo pode variar, vamos ampliar a definição de substantivo: substantivo é a palavra variável em gênero, número e grau que dá nome aos seres”. Além de conceituarem, apresentam defesa na qual consideram o grau puramente flexional, considerando que “o substantivo admite flexão de grau, isto é, podemos indicar o tamanho do ser que o substantivo representa em relação a um grau considerado normal” (TERRA & NICOLA, 2008, p. 111).

Na *Moderna Gramática Portuguesa*, de Evanildo Bechara, observamos que o autor não concorda com o que diz a NGB e ressalta que o grau não é um processo flexional, e sim derivacional, fazendo-nos refletir entre flexão e derivação. Também aborda a diferença entre substantivo, adjetivo e pronome, onde para muitos podem ser considerados um processo de flexão, ocorre o oposto, ou seja, um processo derivacional.

Ao verificar esses posicionamentos dos autores, percebemos que

não há uma unificação de regras entre os gramáticos sobre o grau, sendo avaliado para alguns como flexão, e para outros, como derivação. A *Gramática da Língua Portuguesa*, de Cipro Neto e Infante (2008, p. 228), define que:

Os substantivos podem ser modificados a fim de exprimir intensificação, exagero, atenuação, diminuição ou mesmo deformação de seu significado. Essas modificações, que constituem as variações de grau do substantivo, são tradicionalmente consideradas um mecanismo de flexão. Você perceberá, no entanto, que não se trata de mecanismos de flexão – obrigatórios para a manutenção da concordância nas frases –, mas sim de processos de derivação e de caracterização sintática.

Quando a temática é o uso do grau, devemos estar atentos quanto a essa problemática. Observamos que em muitas gramáticas abordam somente os principais afixos, algumas trazem atividades classificatórias, limitando-se somente ao -ão e ao -inho, descuidando-se de outros sufixos bem usuais.

3. *Categorização dos afixos de grau numa visão linguística*

No ensino de língua portuguesa é necessário considerar de forma proporcional o ensino de gramática, no entanto se tem observado no campo da morfossintaxe e da fonologia um campo relativamente fechado de possibilidades de análise do léxico. Ao se tratar de gradação dos nomes, a questão é extremamente polêmica, por não se chegar a um consenso sobre qual processo considerar: flexão ou derivação.

O teórico Matoso Câmara (1970), o primeiro a abordar o assunto na primeira metade do século XX, posicionou-se contra a tradição gramatical considerando a expressão de grau como um processo não flexional: “a expressão de grau não é um processo flexional em português, porque não é um mecanismo obrigatório e coerente, e não estabelece paradigmas exaustivos e de termos exclusivos entre si”. Seguindo a linha descritiva defendida pelo pesquisador Matoso Câmara, a maior parte das abordagens linguísticas reconhece a gradação afixal como um mecanismo tipicamente derivacional em português.

A natureza derivacional de todos os afixos de grau é defendida pelos teóricos Sandman (1989) e Rocha (1998) ao apontar a existência de inúmeros vocábulos portadores dos afixos de grau que não expressam tamanho: ‘calção’ (“traje de banho”); ‘camisinha’ (“preservativo”); e o uso de vocábulos como (‘filhinho’, ‘comidinha’, ‘sopinha’) para expres-

sar afetividade.

O valor discursivo dos afixos de grau é destacado por Loures (2000) por considerar que sufixos diminutivos têm como principal função, a afetiva. Expressam não necessariamente a dimensão do referente, mas a afetividade do falante: ‘cachorrinho’, ‘mulherão’, ‘leizinha’, ‘papelão’. Realçam qualidade e/ou quantidade de acordo com a intenção do falante.

Gonçalves (2013) aponta que para contornar a polêmica “faz-se necessário, em primeiro lugar, descrever os afixos de grau a partir de critérios tradicionalmente apontados como definidores da flexão”. E considerando que “estabelecer um limite preciso entre as duas ‘morfologias’ tem sido um problema central de diversos enfoques sobre o assunto” apresenta em forma de máximas, abordando apenas os aspectos que podem ser aplicados à expressão morfológica do grau. E conclui que “o mapeamento dos traços que diferenciam flexão de derivação deve ser encarado como tentativa de diagnosticar os afixos de uma língua e não como um veredicto sobre sua verdadeira localização no componente morfológico” (GONÇALVES, 2013, p. 163).

Em resposta ao impasse sobre a condição “o grau é flexão ou derivação em português” o autor defende que “o ‘é’ ou ‘não é’ dependem do ponto de vista que se tem em mente. [...] parece que em morfologia é preciso conforma-se com a inexistência de fronteiras rígidas e bem definidas” (GONÇALVES, 2013, p. 163). Em relação ao ensino dos afixos o autor propõe a importância de investir no uso desses elementos como recursos de expressividade e de estrutura discursiva textual. Sendo assim, ao professor é necessário tomar ciência de que para o aluno do ensino regular, pouco importa se o grau é flexão ou derivação. O que esse estudante deseja é o entendimento do uso desses afixos e a aprendizagem das habilidades de em quais contextos devem ser aplicados. Para isso é preciso apresentar esse afixos sempre de forma contextualizada, em situações de análise linguística, e diferentes das abordadas nas gramáticas tradicionais.

4. *Flexão ou derivação: a proposta de ensino dos livros didáticos*

Nesta seção pretendemos refletir sobre a abordagem adotada pelos livros didáticos em relação ao ensino do grau, se considerado flexão ou derivação. Também a visão dos autores e das orientações destinadas aos

professores. Se há uma preocupação em proporcionar ao estudante reconhecer, refletir e utilizar os afixos de grau nas diversas situações comunicativas. Utilizaremos livros didáticos do 6º ano do ensino fundamental, por ser nessa série que o assunto é comumente mais abordado. Embora ainda sem muito aprofundamento, porém com um conteúdo bastante significativo para a compreensão do uso dos afixos na língua portuguesa.

4.1. Projeto Araribá: Português – 6º ano

O exemplar analisado é destinado ao uso do professor. Contém orientações de como utilizá-lo em um anexo denominado *Guia* e recursos didáticos. Na segunda unidade, apresenta um estudo do grau dos substantivos com o subtítulo de flexão de grau. Na primeira atividade recomenda a leitura de duas tiras, uma do personagem Hagar, de Dik Browe e outra do Garfield, de Jim Davis. Na tira 1, de Dik Browe, na fala da personagem Helga “Sei que você detesta fazer trabalhos em casa... mas há uma coisinha que eu quero que você conserte antes que comece a estação das chuvas.” O livro propõe a seguinte atividade:

- a) Na tira 1, o emprego da palavra ‘coisinha’ sugere que o conserto a ser realizado por Hagar é de que proporção?”

Considerando a pergunta feita pelo interlocutor de Helga: “O que é?”, o contexto que mostra uma casa com um buraco enorme no telhado e a resposta do Hagar no último quadrinho: “O telhado.”, apresenta mais duas questões:

- b) O último quadrinho do texto 1 não confirma que o conserto a ser realizado é mesmo dessa proporção e essa diferença produz o humor da tira. Por quê?”
- c) Hagar, na tira 1, é uma personagem conhecida por não ter o menor interesse por afazeres domésticos. Considerando essa informação, explique por que Helga teria escolhido empregar a palavra coisinha no lugar de coisa”.

Na tira 2, o destaque é para a palavra amigão e o livro propõe uma reflexão sobre o uso da palavra, se no sentido de amigo grande (tamanho), um conhecido ou um amigo próximo (intimidade, alguém muito próximo, bondade). Em ambas as atividades, o uso do grau é posto considerando conhecimentos prévios dos alunos e incentivando a refletir sobre o uso dos afixos dentro de um contexto. No entanto, na página 72, apresenta, em um box à esquerda da página, o grau flexionado como normal, aumentativo e diminutivo. E as palavras: “bocarra”, “chuveiro”, “casinhola”, “saleta”, “lugarejo”, “fogaréu”, “barcaça”, “homenzarrão”, “copázio”, “festança”, “corpanzil” e “cabeçote” descontextualizadas,

acompanhadas da proposta de atividade: “Alguns substantivos do quadro estão no aumentativo, e outros, no diminutivo. Passe todos eles para o grau normal e escreva-os na linha correspondente”. Nessa proposta, considera as palavras como tendo origem um grau normal e o processo utilizado para a obtenção do grau é derivação, contudo o livro avalia flexão. Em outras atividades sugeridas pelo livro, o grau foi utilizado como flexão.

4.2. *Vontade de Saber Português – 6º ano*

O exemplar analisado é o “Livro do Professor”. Possui além dos conteúdos didáticos, um anexo contendo um caderno com orientações didáticas e metodológicas para o professor. Apresenta o assunto com o título de flexão e grau do substantivo, numa seção denominada “A língua em estudo”, páginas 85 a 92. Aborda os substantivos como flexão de gênero e número e o apresenta o grau com o subtítulo de grau do substantivo, eliminando a palavra flexão. As atividades são contextualizadas e textos de gêneros diversos.

As autoras tratam o uso dos afixos de grau, sempre considerando o sentido que expressam no momento do uso, e paralelamente faz observações conceituando, não de forma direta, mas relacionando o sentido ao contexto de uso desses afixos de grau. As orientações para o professor, em um caderno específico, contêm citações de autores como Travaglia (2003) e Antunes (2007) que fazem uma abordagem sobre o uso da língua e os trabalhos que envolvem conhecimentos linguísticos para o trabalho com os afixos de grau, em um artigo escrito pelo professor Leo Ricino, que discute a questão e o destaque para o estudo de os teóricos Bechara e Câmara Jr., comentando a problemática no que se refere à concepção de grau. Além disso, as autoras citam a posição do gramático Celso Cunha e a NGB, em relação à visão mais tradicional, postulam o grau como processo flexional.

4.3. *Singular e Plural: Leitura, Produção e Estudos de Linguagem – 6º ano*

No livro *Singular & Plural: Leitura, Produção e Estudos de Linguagem*, os conteúdos didáticos estão divididos em três cadernos: “Caderno de leitura e produção”, “Caderno de práticas de literatura” e “Caderno de língua e linguagem”. Contém, em forma de anexos, um resumo de conteúdos e um “Manual do Professor”. O estudo do grau é mostrado

de forma muito indireta. No “Caderno de estudos da linguagem”, um estudo das classes de palavras e sob o subtítulo “Flexibilidade das palavras variáveis”, em um quadro em destaque, comenta o assunto:

Muitas palavras de língua portuguesa podem sofrer variação de forma: pode haver mudança de gênero (masculino e feminino), número (singular e plural), grau (diminui ou aumenta o tamanho ou a intensidade das coisas ou de suas qualidades) ou o tempo (presente, passado e futuro). (BALTASAR; GOULART; FIGUEIREDO, 2012, p. 227).

Além disso, o livro traz em forma de anexo, na página 296 um quadro com o título de flexão de grau dos substantivos, no qual apresenta o grau como normal, aumentativo e diminutivo. Logo abaixo com o título “Valores afetivos”, um comentário: “Tanto o aumentativo quanto o diminutivo podem expressar valores que não se relacionam ao aumento ou à diminuição do tamanho”. E um quadro citando alguns exemplos.

4.4. Algumas reflexões acerca da apresentação do grau nos livros didáticos

A análise dos livros demonstra que ainda não há por parte de alguns autores uma preocupação com a abordagem flexão e derivação, sendo esta preocupação também descrita no artigo “Abordagem da distinção flexão e derivação: uma análise em livros didáticos e gramáticas escolares”, de Ana Clara Carmona Bernardo: “[...] alguns autores não veem a necessidade de trabalhar a problemática flexão x derivação nos livros didáticos, e alguns até preferem enquadrar gênero, número e grau como flexão, a fim de simplificar a compreensão dos processos”. (BERNARDO, 2013).

Esse posicionamento dos autores de livros didáticos frente à problemática da flexão e derivação é algo que precisa ser discutido por pesquisadores, por ser o livro didático um dos recursos utilizado pelos professores e alunos em suas práticas em sala de aula.

5. Proposta didática para ensino do grau

Com o desejo de colaborar para a aprendizagem e a melhor compreensão do uso do grau, pensamos a proposta didática, utilizando o poema de Cecília Meireles “A Língua de Nhem” e, a partir deste, construímos as questões com o objetivo de que o aluno reflita sobre o conteúdo proposto. A proposta está organizada considerando as orientações dos

PCN de Língua Portuguesa e das Orientações Curriculares do Estado do Acre, que propõem o ensino de conteúdos em situações de análise linguística:

Plano de aula de língua portuguesa

SÉRIE: 6º ano.

TEMPO: 4 horas/aula.

GÊNERO TEXTUAL: Poema

TÍTULO DO TEXTO: A língua do Nhem

AUTORA: Cecília Meireles

COMPETÊNCIAS:

Utilizar a linguagem oral de forma adequada, em diferentes situações comunicativas, respeitando os diferentes modos de falar.

Utilizar, com propriedade, os conhecimentos sobre padrões da escrita sistematizados em situações de análise linguística.

CONTEÚDO:

Observação do papel dos elementos não linguísticos e prosódicos nas situações de interlocução.

DESCRITOR: Procedimento de leitura:

D3- Inferir o sentido de uma palavra ou expressão.

CONTEÚDOS:

O uso dos substantivos como forma expressiva, motivada pelo contexto situacional: sufixos -inho, -inha.

O processo de adjetivação como algo que ultrapassa a questão normativa e atinge situações de enunciação em que se torna imprescindível para a construção do sentido da mensagem: os sufixos -inho, -inha.

DESCRITORES: Relação entre recursos expressivos e efeitos de sentido:

D19 – Reconhecer o efeito de sentido decorrente da exploração de recursos ortográficos e/morfossintáticos.

Coerência e Coesão no processamento do texto:

D2- Estabelecer relações entre partes de um texto, identificando repetições ou substituições que contribuem para a continuidade de um texto.

5.1. Metodologia

O professor deve entregar cópias do texto para os alunos e fazer uma leitura para eles ouvirem. Em seguida organizar duplas para que façam a seguinte atividade:

- 1- Ler o poema em voz alta observando o ritmo e a sonoridade.

A língua do Nhem

Havia uma velhinha
que andava aborrecida
pois dava a sua vida
para falar com alguém.

E estava sempre em casa
a boa velhinha
resmungando sozinha:
nhem-nhem-nhem-nhem-nhem-nhem...

O gato que dormia
no canto da cozinha
escutando a velhinha,
principiou também

a miar nessa língua
e se ela resmungava,
o gatinho a acompanhava:
nhem-nhem-nhem-nhem-nhem-nhem...

Depois veio o cachorro
da casa da vizinha,
pato, cabra e galinha
de cá, de lá, de além,

e todos aprenderam
a falar noite e dia
naquela melodia
nhem-nhem-nhem-nhem-nhem-nhem...

De modo que a velhinha
que muito padecia
por não ter companhia
nem falar com ninguém,

ficou toda contente,
pois mal a boca abria
tudo lhe respondia:
nhem-nhem-nhem-nhem-nhem-nhem...

- 2- Observar as palavras: velhinha, sozinha, cozinha e galinha. Todas terminam com sufixo -nha. Verificar, no texto, se todas possuem o sentido de tamanho pequeno. Justificar a resposta, citando os sentidos de cada uma.

- 3- A partir da observação dessas palavras, como descrever o uso do sufixo -inha. Ele sempre é utilizado para indicar tamanho pequeno? Escrever as observações justificando com exemplos de outras palavras que conhece e que também terminam em -inha.
- 4- Rer ler o texto para observar o uso das palavras terminadas em -inha. Geralmente, essas palavras transmitem a ideia de calma, tranquilidade. Comprove com elementos do texto e com exemplos de outros textos, por exemplo: as canções de ninar.
- 5- Utilizando as palavras *gatinha*, *coxinha*, *bonitinha*, *mulherzinha*, produzam pequenos textos em que as palavras destacadas sejam empregadas em sentido diferente do que representa o tamanho pequeno.
- 6- Selecione alguns textos para ler para a turma, sempre observando o emprego das palavras.

Após a leitura, é necessário um trabalho de revisão e reescrita dos textos produzidos, para melhor compreensão do uso dos sufixos estudados.

5.2. Avaliação

Observar e identificar como o aluno está e o quanto evoluiu em relação a: compreender textos orais; curiosidade quanto ao assunto em estudo; interesse em ouvir a leitura; interesse em dedicar-se à leitura; interesse em ler oralmente; interesse em obter mais informações sobre o assunto estudado e colaboração nas atividades em parceria.

6. Considerações finais

Fizemos uma exposição de abordagens dadas para o tratamento do grau, tanto na visão da gramática tradicional, quanto na visão dos linguistas e de livros didáticos. Observamos as discussões e contradições entre alguns autores. Muitos são influenciados e seguem a NGB, abordando de forma sintética o grau como flexão e defendem que o grau é um processo flexional, outros, mais questionadores defendem que é derivacional. Ou seja, não há uma coerência e precisão no referido assunto.

Diante do exposto fica evidente de que a esfera grau é um processo derivacional, e não flexional. No entanto, cabe ao professor conhecer e analisar essa dupla visão, para que, considerando os conhecimentos prévios dos alunos referente ao uso do grau, encontre metodologias que possibilitem uma abordagem clara e inovadora, facilitando a aprendizagem e a aquisição de novos conhecimentos pelos estudantes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACRE. Secretaria de Estado de Educação. *Cadernos de orientação curricular: orientações curriculares para o ensino fundamental – língua portuguesa*. Rio Branco: SEE, 2010.
- BALTASAR, M; FIGUEIREDO, L; GOULART, S. *Singular & plural: leitura, produção e estudos de linguagem*. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2012.
- BRASIL. *Parâmetros curriculares nacionais (PCN)*. Língua portuguesa. Ensino fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna /Nova Fronteira, 2009.
- BERNARDO, A. C. C. *Abordagem da distinção flexão e derivação: uma análise em livros didáticos e gramáticas escolares*. Brasília: UnB, 2013.
- CÂMARA Jr, J. M. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1970.
- CIPRO NETO, P.; INFANTE, U. *Gramática da língua portuguesa*. São Paulo: Scipione, 2008.
- CONSELVAN, T. B; TAVARES, R. A. A. *Vontade de saber português*. 1. ed. São Paulo: FTD, 2012.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexicon, 2008.
- GONÇALVES, C. A. V. Flexão e derivação: o grau. In: BRANDÃO, Sílvia Figueiredo; VIEIRA, Sílvia Rodrigues. (Orgs.). *Ensino de gramática: descrição e uso*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2013.
- KANASHIRO, A. R. *Projeto Araribá: português*. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2010.
- LOURES, L. H. *Análise contrastiva de recursos morfológicos com função expressiva em francês e português*. 2000. Tese (Doutorado). – Faculdade de Letras. UFRJ, Rio de Janeiro.
- MEIRELES, Cecília. *Ou isto ou aquilo*. Ilustrações de Leonora Affonso. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira-INL, 1977. Disponível em: <http://www.antoniamiranda.com.br/poesia_infantil/cecilia-meireles.html>. Acesso em: 22-03-2014.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

ROCHA, L. C. *Estruturas morfológicas do português*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

SANDMANN, A. J. *Morfologia geral*. São Paulo: Contexto, 1989.

TERRA, E.; NICOLA, J. de. *Gramática de hoje*. São Paulo: Scipione, 2008.